

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Especializada		
Título: 250 anos depois					Temática: Vinhos		
2006/09/05	BLUE WINE – PRINCIPAL		Pág.122		Imagem: 1/1	Periodicidade: Mensal	Inv.: 4100.00

O P I N I Ã O


Manuel Carvalho

250 anos depois

O moderno conceito de “denominação de origem controlada” foi uma invenção portuguesa, que nasceu no Douro...

NÃO, NÃO É CASO PARA DIZER que o alvará régio que instituiu a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro há 250 anos atrás fosse um modelo de princípios éticos ou sequer de preocupações sociais. Pelo contrário, muitas das regras que impôs eram despóticas e algumas das acções que instigou, como as devassas sobre produtores de vinho da região, raiaram o absurdo e a mais abjecta brutalidade. Ainda assim, poucos diplomas com a chancela real foram tão inovadores e tiveram tanta influência no destino de uma região e de um produto como o alvará que o futuro marquês de Pombal mandou publicar em 10 de Setembro de 1756. Não sendo a primeira área de produção a ser demarcada, o Douro de Pombal antecipou em 100 anos o hábito de se estabelecer a coincidência entre uma zona vitícola e um código preciso de regras a ser aplicado pelos produtores e comerciantes dos seus vinhos. O moderno conceito de “denominação de origem controlada”, que está na base da identidade das principais regiões vitícolas da Europa, foi uma invenção portuguesa. Agora que se comemora o “acto fundador” da região demarcada do Douro, como o definiu com precisão o sociólogo António Barreto, vale a pena perscrutar este caminho com dois séculos e meio. Para constatar a extraordinária capacidade de resistência com que várias gerações de viticultores sobreviveram a crises comerciais, aos danos causados pela imitação e a fraude, à devastação de pragas como o oídio ou a filoxera; para nos admirarmos com os resultados que a coexistência, nem sempre

pacífica, entre produtores e exportadores obteve na definição de um vinho único e mundialmente reconhecido; ou para nos darmos conta de que foi a regulamentação e não o livre-câmbio que esteve sempre na origem dos melhores momentos da história do vinho do Porto. Custa, por isso, a perceber por que é que tantos exportadores tradicionais se afastaram por completo do programa das comemorações. Mas, talvez ainda mais importante, é discutir a sustentabilidade do extraordinário sucesso do vinho do Porto (e dos vinhos do Douro!) nos últimos anos, com exportações sucessivas acima das 10 milhões de caixas anuais e com as vendas de categorias especiais a situarem-se na ordem dos 17 por cento. Os exigentes mercados do Vintage começam a dar sinais de abrandamento e de excesso de stocks; os preços das gamas mais baixas continuam a ser esmagados pela aflição das empresas mais vulneráveis e pelo poder de uma rede de retalho cada vez mais concentrada; e o fantasma da sobreprodução regressou ao Douro. As entidades oficiais reconhecem a existência de milhares de hectares de novas vinhas ilegais e a pressão das novas plantações sobre os agricultores já instalados cria um caldo de cultura de potencial conflito que nos remete inevitavelmente para o passado doloroso da região. Na encruzilhada entre o passado e o futuro, as maiores angústias e os maiores dilemas situam-se ao nível dos produtores. A concentração das melhores quintas nos principais grupos exportadores (ou a saída do mercado de empresas intermédias com evidente capacidade de regulação), desequilibram o seu poder negocial. E num universo produtivo penalizado pelo envelhecimento e pela fragmentação, a inexistência de um organismo representativo com credibilidade e força é uma séria ameaça para as suas ambições e expectativas. Os interesses imediatos do Douro e de Gaia são, por natureza, conflitantes e para que possam ser dirimidos de forma justa e equilibrada, os agricultores necessitam de recuperar o prestígio perdido da Casa do Douro – ou de a matar de vez e esperar que outra instituição a substitua. Se hoje é tempo de festa e de comemoração, convém não esquecer que, no Douro, os dramas cumprem o mito do eterno retorno. Depois da euforia, a depressão acaba sempre por bater à porta. Basta ler os últimos 250 anos para se perceber que os sinais de mudança de ciclo estão no horizonte. Se o Douro os souber antecipar, terá dado a melhor prova de que aprendeu com a sua história. ■

JORNALISTA, DIRECTOR ADJUNTO DO PÚBLICO